



UM ESTUDO DAS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES PARA O USO DA VARA COMO PRINCÍPIO DE EDUCAÇÃO EM PROVÉRBIOS 23,13.14

Lucas de Souza Soares¹
Weverton de Paula Castro²

RESUMO

Este artigo busca a compreensão do termo “vara” que aparece no contexto de Provérbios 23,13.14, visando assim, não apenas compreender qual é o sentido de tal termo, mas também abordar acerca da aplicabilidade ou não, dele como princípio de educação dos filhos. Buscando assim apresentar as teses já existentes acerca do tema, buscando assim analisar exegeticamente o texto de Pv. 23,13, 14 e comparar os resultados da exegese com as teses já existentes, a fim de definir qual é a melhor forma de interpretação do texto: a forma literal ou a simbólica? Haja vista que os pais estão cada vez mais temerosos de proceder com a correção dos filhos, frente ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que veio a surgir com o objetivo de resguardar os direitos da criança e do adolescente. Sendo assim, a pergunta é, devo ou não fazer uso da vara como método, de disciplina? Conclui-se por meio do texto bíblico que há um contexto para o uso de tal forma de disciplina, e a mesma não deve ser vista como um mero castigo, sendo assim, na verdade ela está ligada a redenção ou salvação da criança, por ajuda - lá no desenvolvimento de seu caráter. O método adotado para esta pesquisa é o bibliográfico documental.

Palavras-chave: Disciplina. Educação. Família. Teologia.

ABSTRACT

This article seeks to understand the term “stick” that appears in the context of Proverbs 23,13.14, thus aiming not only to understand the meaning of such term, but also to address the applicability or not, of it as a principle of education. of children. Seeking thus to present existing theses on the subject, exegetically analyzing the text of Pv. 23,13.14 and compare the results of exegesis with existing theses, in order to define which is the best way to interpret the text: literal or symbolic? Bearing in mind that parents are increasingly afraid of proceeding with the correction of their children, in view of the ECA (Child and Adolescent Statute), which emerged with the aim of safeguarding the rights of children and adolescents. Therefore, the question is, should I or should I not use the rod as a method of discipline? It is concluded from the biblical text that there is a context for the use of such a form of discipline, and it should not be seen as a mere punishment, therefore, it is actually linked to the redemption or salvation of the child, by help - there in the development of your character. The method adopted for this research is the documentary bibliographic.

Key-words: Discipline. Education. Family. Theology.

1. Graduando do 4º ano do curso Bacharel em Teologia pela Faculdade Adventista da Amazônia. lucas221913@hotmail.com

2. Mestre em Ciências da Religião (UEPA) e professor na Faculdade Adventista da Amazônia. E-mail: weverton.castro@faama.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

O uso da violência ao disciplinar os filhos, por meio dos mais diversos castigos físicos, ao longo de décadas tem gerado polêmica e revolta, levando as pessoas a tomar uma posição em relação ao método, ao passo que alguns têm tomado posição em favor do método, tanto por terem aprendido ou mesmo por usarem, outras no entanto tem ido totalmente contra o referido.

Chegando ao ponto de haver a necessidade de uma intervenção do poder público através dos três poderes constituintes, com fins de implementar modificações em alguns artigos da lei objetivando assim garantir a proteção das Crianças e Adolescente, conforme disposto no ECA e ou “Lei da Palmada” que é o nome informal da lei nº 13.010, de 2014.

Atendendo a esta questão o presente artigo versa sobre o princípio bíblico instituído em Provérbios 23,13.14, o qual fala sobre a “vara” (heb. *Shebet* ou *Sebet*), como um método de ensino e correção, que alguns autores através do processo hermenêutico, tem chegado a diferentes posições, alguns a interpretando como literal, outros como simbólico (metafórico). Para chegar a resposta de qual é a melhor forma de interpretação, faz-se necessário: (1) Apresentação dos autores e suas respectivas posições; (2) Análise exegética do texto bíblico; e uma (3) Breve comparação e comentário das posições.

Tomando tudo isto por base com vias em responder: se a vara é ou não um meio de correção, e se deve ou não ser utilizado? Existe algum risco ao não utilizá-lo? Segundo White (2004, p. 220), o caráter não será modificado por ocasião da morte ou ressurreição na volta de Jesus, se queremos mudar precisamos fazê-lo hoje, pois da maneira que descermos ao pó, assim mesmo ressuscitaremos.

Frente ao princípio bíblico, como devem os pais proceder, devem se omitir e deixar que os filhos sigam seus próprios horizontes, ou devem usar o padrão estabelecido biblicamente como forma de castigo? São as perguntas que o artigo busca esclarecer, mostrando se de fato o princípio ainda é válido ou se caiu em desuso, e não há mais a necessidade de ser usado.

2 AS FORMAS DE INTERPRETAÇÃO DO TERMO VARA

Há algumas possibilidades de interpretação, que têm sido defendidas por diversos estudiosos e teólogos, que ano após ano, tem se proposto a analisar e fornecer respostas, para definir sobre qual seria, a melhor forma - ou método - de abordar o texto de Provérbios 23,14, e por meio de tal forma extrair do texto o significado que melhor responde às inquietações do ser humano, mas sem contudo isto descartar o contexto imediato, o amplo, e o histórico-cultural, para o qual o escritor bíblico a quis direcionar (STUART ; FEE , 2008).

2.1 VARA COMO INSTRUMENTO DE DISCIPLINA LITERAL



Uma das formas que tem sido adotada para a leitura e interpretação do texto de provérbios 23; 14 é o método literal, que propõe a vara como um instrumento válido a ser usado no processo de correção da criança. Assim os proponentes desta forma de interpretação, definem ser a proposta do texto bíblico.

O pesquisador Oliveira (2016), em seu artigo “A vara como método de disciplina: considerações atuais à luz de Provérbios 13,24”, afirma que a vara é um instrumento válido como forma de educar a criança, ao fazer tal declaração ele está usando do método de interpretação literal para assim assumir tal posição e lançar mão de um lado. Para chegar a tal posição ele faz em seu artigo uma breve exegese, por meio da qual ele faz o estudo da palavra *Shebet* ou *Sebet* em vários textos em que ela aparece, respeitando seu contexto imediato e o mais amplo, dentre os quais alguns a demonstram como simbólica enquanto em outros, a mesma é literal. Somente após tal análise é que ele conclui. Provérbios não propõe o uso descomedido da vara, ele afirma que o texto de Provérbios, é contrário a dois aspectos: 1- ação violenta descaracterizada de propósitos de salvação; 2- liberdade sem restrições e ou padrões. Para ele, o provérbio define que a vara é uma das engrenagens da máquina (disciplina) e não a máquina toda.

Em acordo com a afirmação de Oliveira, temos uma clara posição de White (1954), uma escritora norte-americana, em seu livro - *Orientação da Criança* - também faz uso do método literal de interpretação, ao que passa a afirmar que: tal método (vara) pode sim ser usado: como último recurso após a falha das demais formas de correção; não devendo portanto se fazer uso da vara quando é possível que se possa evitar o seu uso.

Segundo Kidner (1982), no livro “*Provérbios Introdução e Comentário*”, afirma que: a vara não é como qualquer remédio. De maneira sutil o livro condena o uso da vara (disciplina) de maneira agressiva, isto fica claro através da forma como é empregada a linguagem, e sinceridade de afeto em relação aos jovens e velhos (cf. 17: 6). Em outras palavras, embora ele diga que deve haver um uso comedido da vara como instrumento disciplinar, ele deixa subentendido em suas palavras que o uso da vara é melhor interpretado como sendo literal. Como se percebe, os proponentes não são pactuantes de castigos brutais, sob a tutela de um argumento teológico, mas sim o uso da vara de maneira responsável, com a finalidade de correção e não de agressão, como muitos a têm utilizado.

2.2 VARA COMO INSTRUMENTO SIMBÓLICO

Um outro meio de interpretação também, muito popular e bastante adotado, é o método simbólico, cujo os adeptos de tal concepção, afirmam que na verdade o termo *Shebet* ou *Sebet* não é melhor compreendido quando interpretado de forma literal. Pois para eles o termo acima mencionado é algo mais amplo e portanto a palavra em si mesma é usada apenas para chamar a atenção dos pais ao processo de disciplina da criança, e não o uso da vara como instrumento de correção na criação e educação dos filhos.

Torres (2012), em seu artigo “A vara como instrumento de disciplina”, afirma que: as

literaturas mais antigas apresentam a vara como sendo a forma adequada de disciplinar os filhos. Quais são os escritos: “Bíblia”, Pv. 22,15; *Ilíada*; na “*Odisseia*”; e no “hino a Hermes”. Ele usa estas fontes em seu artigo para dizer e comprovar que a palavra vara está relacionada a autoridade e poder, daquele que a detém. A Partir desta interpretação ele propõe então que: o termo vara possui um aspecto simbólico. Baseado em passagens da própria Bíblia Hebraica, ele chega por fim a declarar que todo verdadeiro cristão deve obrigatoriamente rejeitar o uso da vara como instrumento de disciplina (TORRES, 2012). Para ele, não há nenhuma possibilidade de combinação entre o uso de tal método de castigo físico e os princípios aos quais Jesus ensinava durante a sua vida, tais como: mansidão, humildade e amor.

Silva (2020), propõe em seu artigo, que cada texto deve ser analisado sob a perspectiva de seu contexto sócio-cultural, e que deve ser levado em conta o período para o qual o texto foi escrito, sob o qual ele declara que o correto é, o uso de uma hermenêutica, que leve em conta o perfil e estrutura familiar da época, bem como a motivação pela qual os mestres de sabedoria o escreveram. Para Silva (2020), tudo o que é expresso nos textos de Provérbios, no que tange a este tema, são uma mera força de expressão, nas quais não há nenhuma literalidade, pois mesmo para ele, os sábios a utilizavam como forma de alerta a respeito da necessidade de atenção para a disciplina dos filhos desde pequenos, mas não necessariamente através do uso da vara. Ainda segundo ele, não há nenhuma evidência de tal prática mesmo entre os judeus e ou civilização antiga.

3 EDUCAÇÃO NÃO VIOLENTA

3.1 EDUCAÇÃO NÃO VIOLENTA É UM DIREITO DA CRIANÇA

“No Brasil, as crianças e adolescentes conquistaram o direito de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante com a Lei 13.010, de 26 de junho de 2014” (PASSOS, 2018, p. 7). Devido a esta lei que data de 2014 muitos estudos têm sido realizados acerca da comunicação e educação não violenta.

Já havia uma lei atuante, até então, que era a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que veio a sofrer alterações por ocasião da nova legislação, onde passou a não reconhecer o uso de castigo físico ou tratamento cruel ou degradante, sejam formas de correção, disciplina e educação para com crianças independentemente do sexo (PASSOS, 2018, p. 7).

Assim sendo, houve então a necessidade de se repensar em formas de educar, uma vez que a forma antiga e conhecida por muitos, agora achava-se desconfigurada de validade perante as leis brasileiras. Segundo Passos (2018), este tema é algo que tem ganhado o mundo, tendo hoje presença em 52 países, nos quais, já se encontram leis de proteção às crianças. Somente da América Latina, 9 países aderiram a esta abordagem além do Brasil.



Diversas pesquisas já comprovaram os prejuízos do uso dos castigos físicos no desenvolvimento de crianças, especialmente na primeira infância, quando o sucesso do seu desenvolvimento cognitivo e emocional tem ligações profundas com as relações de afeto estabelecidas com seus cuidadores principais (PASSOS, 2018, p. 8).

Passos (2018, p. 8), e diversos pesquisadores apontam para uma dura verdade, a criança em sua primeira fase da vida, é de fato mais apegada aos seus cuidadores, e acabam por vincular-se de maneira emocional e cognitiva, sem as quais a criança não conseguirá desenvolver seu pleno desenvolvimento.

Segundo Pelt (2006), o castigo físico não faz a criança aprender limites, mas sim o contrário, pois a atitude acaba por transmitir na maioria das vezes uma falta de controle e limites, pois geralmente esta forma é utilizada como válvula de escape. É quando a criança lhe tira do sério que acaba de ímpeto batendo-a no intuito de descarregar a raiva. Ainda segundo ela, quando passamos por uma mesma situação dessas, mas desta vez relacionado a um outro adulto ou chefe, as pessoas normalmente tendem a se controlar e não partir para a violência.

3.2 O PAPEL DA DISCIPLINA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Segundo Cury (2003), os pais que se destacam não são os que vivem corrigindo, mas, sim os que ensinam os filhos a ter capacidade de reflexão. Quanto mais broncas e sermões, tanto mais desgastada estará a relação pais e filhos.

Claro que, com a seção anterior não se pretende dizer com isto que a criança não deva ser castigada, porém não precisa ser necessariamente o castigo físico. O castigo não deve ser aplicado como sendo uma forma de retribuir à criança, a raiva sofrida, mas sim no intuito de reforçar as normas estabelecidas pelos pais. Afinal, claro que é preciso que as crianças saibam que existem padrões, aos quais devem ser respeitados, e que a não observância deles acarretará em alguma consequência. Tal atitude deve ser tomada sempre que preciso, e não somente quando os limites já foram cruzados. Os pais devem agir logo após o acontecido, não deixando para depois, quanto mais cedo os pais agirem, mais rápido os filhos compreenderão (PELT, 2006).

Nas palavras de Pelt (2006), é possível perceber que ela não está propondo uma total falta de castigo, mas sim que não sejam usados os castigos físicos, pois segundo ela o uso dos mesmos demonstra mais falta de controle e limites do que o que a própria criança tenha cometido. Por assim ser, ela propõe o uso de alguma forma de castigo, a escolha da família - cortar o videogame, colocar na cadeira da reflexão - desde que claro, isto ajude a reforçar as normas que outrora já tenham sido a ele apresentadas.

Segundo Pelt (2006) “às vezes os pais confessam que o castigo não surte o efeito desejado. Em geral, isso acontece por causa de uma ou mais razões:”

1 - Falta de firmeza e uniformidade, deve haver uma constante, se é errado hoje, amanhã também deve ser - logo se castigou ontem, castigue hoje também - o que atrapalha o

processo, é exatamente a inconstância, pelo fato de uma hora o erro ser tolerado e em outra ele ser duramente condenado (PELT, 2006; TIBA, 2002).

2 - Criança voluntariosa, estes são os casos em que a criança tem uma opinião forte, onde querem que sua vontade prevaleça sobre a dos pais, querendo exercer domínio sobre eles e mesmo sendo castigada a criança insiste em fazer errado como forma de desafiá-los; para este caso o recomendado é manter a coerência, tratar com paciência e se mostrar mais fortes que eles, estando prontos a resistir sua birra e comportamento teimoso (PELT, 2006).

3 - Ação retardada, é o caso típico de pais, que esperam a situação avançar por meses a fio sem nenhuma providência ou consequência. Mas depois quando percebem que a atitude anterior tem relação com os novos problemas que agora estão gigantes, aí os pais tentam resolver aplicando palmadas, mas sem com isto obter nenhum resultado (PELT, 2006).

4 ANÁLISE EXEGÉTICA DE PV 23,13.14

A exegese consiste no estudo aprofundado e completo acerca de um determinado texto bíblico, com vistas a alcançar uma interpretação de relevância e utilidade. Ela é uma atividade de cunho teológico, para o qual se deve observar padrões básicos, a formação de sua estrutura basilar (STUART; FEE, 2008).

4.1 DELIMITAÇÃO

Embora estes pequenos versos estejam bem próximos ao centro da perícope maior, que começa no capítulo 22,17 e se estende até 24,23, divisão de acordo com a (DEUTSCHE, 1997), abordando acerca dos preceitos e admoestações dos sábios, é possível perceber subtemáticas dentro do tema geral. Para tanto, o presente artigo se propõe a analisar o período menor, que inicia 23,13.14, onde o tema dominante é disciplina de filhos. O texto a ser analisado faz parte da 3ª seção do livro.

4.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo Kidner (1982), o livro escrito por vários autores, dos quais 3 são mencionados no livro nominalmente - Salomão, Agur, Lemuel - já os demais são parte do grupo que o livro chama de sábios, ainda assim há última seção não se sabe quem a escreveu. O livro foi escrito para os jovens de todos os tempos, a fim de que eles aprendam da experiência dos mais antigos. Wiersbe (2006), segue o mesmo caminho, exceto por adicionar os servos de Ezequias a autoria e junção e compilação dos cap. 25-29, segundo ele, este grupo data de cerca de 700 a.c.

Segundo Chapman et al. (2005), embora muitos dos provérbios tenham aplicação mais ampla, o propósito primário do livro é os jovens e inexperientes, ainda que possa atender a todos nas várias fases da vida. Pois mesmo o mais experiente tem algo a aprender.



Segundo Bruce (2008), o livro de Provérbios teria como sua base a sabedoria dos antigos, fato sobre o qual, alguns pensam poder viver alheios, mas eles devem se lembrar que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv. 9,10), fato pelo qual ao olhar para este livro é possível de se ver que ele está relacionado ao oriente antigo, época em que Salomão teria relações com o governo egípcio. Para o (BRUCE, 2008), embora a sabedoria ocorra em um contexto de experiências pessoais, mas em Israel seu desenvolvimento e crescimento teria ocorrido no contexto de um Deus, que é o Criador. Ainda assim, alguns chegam a comparar o livro a dois documentos antigos: “Ensino Egípcio de Amenemope e as Palavras Assírias de Ahikar” (BRUCE, 2008).

Quanto a data do livro, Champlin (2001), afirma que a parte majoritária, teria sido escrita por ocasião do reinado de Salomão, isto é no século X a.c. e que as demais seções do livro teriam sido escritos em algum momento entre 700 e 400 a.c. Mas no que tange a este respeito, ele afirma que é importante lembrar, que temos duas datas a definir, a que os autores escreveram a respectiva seção a qual foram responsáveis, e a data da junção de todos os textos da coleção.

4.3 ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA

Provérbios 23.13-14				
Str	Transliteração	Hebraico	Português	Morfologia
408 [e]	<i>'al-</i>	אַל-	não, nem, nada	Advérbio
4513 [e]	<i>tim-na'</i>	תָּמַנַע	reter, segurar, manter, conter, negar, impedir	Verbo
5288 [e]	<i>min-na-'ar</i>	מִנְעַר	menino, moço, servo, jovem	Substantivo
4148 [e]	<i>mū-sār,</i>	מוֹסֵר	disciplina, castigo, correção	Substantivo
3588 [e]	<i>kî-</i>	כִּי-	que, para, porque, quando, como, mas, então	Conjunção
5221 [e]	<i>ṭak-ken-nū</i>	תַּכְּנוּ	golpear, açoitar, atingir, bater, sacrificar, matar	Verbo

7626 [e]	<i>baš-šê-beṭ,</i>	בַּשֶּׁבֶט	vara, bordão, ramo, galho, clava, cetro, tribo	Substantivo
3808 [e]	<i>lō</i>	לֹא	não	Adjetivo
4191 [e]	<i>yā-mūṭ.</i>	יָמוּת.	morrer, matar, executar	Verbo
859 [e]	<i>'at-tāh</i>	אַתָּה	tu	Pronome
5315 [e]	<i>wə-naṗ-šōw,</i>	וְנַפְשׁוֹ	alma, vida, criatura, pessoa, ser vivo	Substantivo
7585 [e]	<i>miš-šə-'ō-wl</i>	מִשְׁכַּחַל	sepultura, cova, inferno	Substantivo
5337 [e]	<i>taš-šīl.</i>	תִּצִּיל.	tirar à força, salvar, resgatar, libertar, tirar, saquear	Verbo

Fonte: STRONG, 2002.

4.4 ANÁLISE DA PALAVRA (שֶׁבֶט) SEBET

A palavra hebraica (שֶׁבֶט), é transliterada para o português como sebet. Esta é encontrada em 189 ocorrências no Antigo testamento, nas quais a mesma palavra é traduzida, a depender do contexto, como sendo: “Vara, bastão, bordão; de pastor Lv. 27,32, de professor 2sm 7,14, ferramenta Is 28,27; sebet ‘appi (de Deus) Is 10,5, sebet piw (do Messias) Is 11,4; tribo referência especial a Israel” (HOLLADAY, 2010).

O termo sebet, ao qual têm extrema relevância a este estudo, motivo pelo qual se buscou encontrar algumas outras referências, para mostrar, que embora haja muitas variáveis, incluindo na transliteração, que ora é feita como Sebet ora como Shebet, A depender do comentarista e ou estudioso. Para a significação do termo em nossa língua, devemos estar atentos à correta observação, quanto ao contexto no qual o termo aparece, para somente a partir de então poder saber qual a melhor palavra a ser usada para transmitir a ideia na qual o autor quiz expressar ao escrever o texto. Abaixo encontram-se alguns dos possíveis significados, Conforme:

שֶׁבֶט n.m. 1. vara, bastão, clava, cetro. 2. tribo - 1. a. vara, cajado (artigo evidentemente comum), para golpear; para bater (שֶׁבֶט) cominho (|| שֶׁבֶט); como arma (inferior) (opp. תֵּינִי; FIG. do castigo de 'י; nacional; Individual. b. haste, ou seja, lança, dardo. c. implemento de pastor, clube (fig. de 'י); usado na reunião ou contagem de ovelhas. d. cassete, cetro, marca de autoridade (feito de um galho, שֶׁבֶט); uma régua é שֶׁבֶט מִדָּה; como símbolo de conquista. Vid. שֶׁבֶט מִדָּה, לֶקֶחַ, תִּנְעֻשָׁה. 2. tribo (sin. שֶׁבֶט, q.v. 3), esp. uma de (12) tribos de Israel. b. sg. de pessoas (de Judá, tarde). c. de subdivisão da tribo. (WHITAKER; BROWN; DRIVER, 1906)

O texto acima vem a comprovar que no que tange a transliteração da palavra hebrai-



ca, “Sebet” ou “Shebet” é literal e quanto ao seu significado, também se encontra a palavra “vara” e em se tratando de adotarmos esta como sendo a palavra correspondente ao termo, ela tem funções atreladas a si, as quais Whitaker; Brown; Driver (1906) esclarecem que era, para golpear, para bater.

Como podemos observar o significado atribuído a uma palavra está diretamente relacionado ao seu contexto imediato e amplo. Sendo assim, ignorar este fato é o mesmo que sacrificar toda carga de sentimento e conteúdo a que o autor originalmente queria expressar, e é exatamente assim que muitos intérpretes da Bíblia têm agido.

4.5 TRADUÇÃO: PROVÉRBIOS 23,13.14

Com base na análise exegética realizada até aqui, objetiva-se propor uma tradução livre, que mantenha a ideia original do autor e seu devido significado, preservando sua relevância e autoridade, para o seu público final, que é a juventude, e pessoas que necessitam de auxílio de Deus no processo de educação dos filhos.

4.5.1 Comparação de traduções

Versão	Texto
NVI	“Não evite disciplinar a criança; se você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura”(BÍBLIA, Provérbios, 23, 13-14).
ARA	“Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno”.
ARC	“Não retires a disciplina da criança, porque, fustigando-a com a vara, nem por isso morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno”.
BKJ	“Não retenhas a correção da criança; pois se tu bateres nele com uma vara, ele não morrerá. Tu o baterás com a vara, e livrarás a sua alma do inferno”.
BKA	“Não hesites em disciplinar a criança; ainda que precisas corrigi-la com a vara, ela não morrerá. Castiga-a, tu mesmo, com a vara, e assim a livrarás do <i>Sheol</i> ”.
DBT	“Não retenha a correção da criança; porque [se] tu o bateres com a vara, ele não morrerá: tu o Castigará com a vara, e livrarás sua alma do Seol”.
RVR	“No rehuses la corrección del muchacho: Porque si lo hirieres con vara, no morirá. Tú lo herirás con vara, Y librarás su alma del infierno”.
SEP	“Não se abstenham de castigar uma criança; pois se tu o bateres com a vara, ele não morrerá. Pois tu o baterás com a vara, e libertarás a sua alma da morte”.

Fonte: BibleWorks

Como podemos perceber ao analisar várias versões da bíblia em 4 línguas diferentes, Português, inglês, espanhol, grego. Não chegamos a nenhuma mudança significativa, que cause alguma dissonância ou que manifeste uma possibilidade de que a palavra Shebet, possa ser traduzida ou interpretada de uma maneira melhor do que o termo “vara” que vem sendo apresentado como uma interpretação até então literal.

No que podemos observar nas várias traduções acima, temos alguns termos, que mesmo apesar das diferenças e variações da língua, o sentido permanece o mesmo, por exemplo: em todas as versões é apresentada a vara como instrumento de correção, com o qual o sábio está aconselhando os jovens, e pais inexperientes, a fazerem uso da vara como forma de educar e ou conter uma ação de desrespeito do filho.

O texto apresenta uma ação a ser tomada, e que nas diferentes versões se manifesta em diferentes palavras, como: castigar, bater, ferir. Mas em todos os casos, o sentido é o mesmo, ou seja o indivíduo é chamado a uma ação, no intuito de fazer cessar a falta de respeito ou infração.

Tomando estas comparações como base, proponho abaixo, aquela que para mim apresenta a melhor interpretação do texto, mediante a uma análise exegética a qual fora proposta realizar.

4.5.2 Tradução livre:

Depois da análise exegética do texto, e levando em consideração a estrutura com a qual o texto foi construído, é fácil chegar a conclusão de que o texto apresenta uma ação causativa, onde seguir o conselho do sábio é tido como forma de amor, e o não atender a este conselho é uma espécie de tolice.

O texto convida a ação, de desferir golpes com a vara, a fim de fazer cessar as más ações do filho e com isto apontar-lhe a autoridade do pai e o seu dever de obedecer-lhe.

“Não impeça a disciplina da criança, porque se bater com a vara, não morrerá. Tu a baterá com a vara e a livrará da sepultura.” (Tradução Livre de Provérbios 23,13.14)

4.5.3 O texto dentro da natureza poética do livro

O texto de Provérbios, se encaixa em duas estruturas, uma que é a sapiencial, que em outras palavras é conselhos experienciais vivenciados, e está inserida no gênero literário de poesia. Ambas as estruturas, têm uma forte tendência em optar pela interpretação simbólica até mesmo em decorrência da própria natureza do livro.

A sabedoria hebraica é uma categoria de literatura que não é familiar à maioria dos cristãos atuais. Embora uma porção significativa da Bíblia seja dedicada aos escritos sapienciais, os cristãos, em alguns casos, entendem e aplicam de forma errada esse material das Escrituras, e assim perdem os benefícios que Deus destinara para eles (STUART; FEE, 2008, p. 270).



De todos os livros do Antigo Testamento, três são configurados diretamente como livros de sabedoria, são eles: Eclesiastes, Provérbios e Jó. Tendo ainda alguns Salmos que também são considerados. Já no que tange ao livro de Cantares há uma discussão a respeito (STUART; FEE, 2008).

DISPOSIÇÃO DOS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO HEBRAICO		
A lei (<i>Tora</i>)	Os profetas (<i>Nebhiim</i>)	Os escritos (<i>Kethubhim</i>)
1. Gênesis 2. Êxodo 3. Levítico 4. Números 5. Deuteronômio	A. Profetas anteriores 1. Josué 2. Juízes 3. Samuel 4. Reis B. Profetas posteriores 1. Isaías 2. Jeremias 3. Ezequiel 4. Os Doze	A. Livros poéticos 1. Salmos 2. Provérbios 3. Jó B. Cinco rolos (<i>Megilloth</i>) 1. O Cântico dos Cânticos 2. Rute 3. Lamentações 4. Ester 5. Eclesiastes C. Livros históricos 1. Daniel 2. Esdras-Neemias 3. Crônicas

Fonte: Geisler, 2013, p. 8.

Em hebraico, os Provérbios são chamados de meshallim (“figuras de linguagem”, “parábolas” ou “ditados especialmente elaborados”). Um provérbio, portanto, é uma expressão breve e específica de uma verdade. Quanto mais breve for uma declaração, haverá menos probabilidade de que ela seja aplicável de forma exata e universal (STUART; FEE, 2008).

“Esta é a disposição encontrada nas edições judaicas modernas do Antigo Testamento. Cf. The Holy Scriptures, according to the Masoretic Text e Bíblia hebraica, organizada por Rudolph Kittel e Paul E. Kahle” (GEISLER, 2013, p. 8).

4.5.4 Hipérboles na linguagem simbólica

Hipérbole é uma das figuras de linguagem a qual o português e o hebraico partilham, e que se encontra presente no texto em questão. Tornando necessário a apresentação deste conceito.

O uso do discurso exagerado em algum sentido é um recurso retórico típico do estilo da literatura do Oriente Médio antigo. Seu uso cria imagens vívidas e causa impacto no leitor/ouvinte. Muitas vezes ocorre ao lado de metáforas e símiles e dessa forma é abundante no texto bíblico, principalmente em comparações (NUNES, 2016, p. 117 apud SCHÖKEL, 2000, p. 168).

Segundo o conceito apresentado por Nunes (2016, p. 117), a hipérbole é um item que se encontra presente na seção em que estamos analisando, que é Pv. 23,13.14, onde o texto traz um exagero de maneira clara, nas seguintes frases: “Não evite disciplinar a criança; se

você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura” (Pv. 23,13.14, NVI). É factível que castigar uma criança de certa forma não irá conduzi-la à morte, bem como também não poderá impedi-la de morrer. Este é um recurso usado para dar ênfase e prender a atenção do leitor ou ouvinte, buscando impactá-lo (apud SCHÖKEL, 2000, p. 168) .

5 COMPARAÇÃO DE PENSAMENTOS E AUTORES

Para melhor compreendermos o conceito e qual é a melhor forma de interpretar o texto, faz-se necessário a devida comparação entre os argumentos favoráveis e os contrários à interpretação literal do texto de Provérbios, ao qual este artigo propõe.

Segundo o comentário Bíblico NVI, a interpretação do texto é literal, pois traz em seu texto os seguintes dizeres a respeito dos versos 13 e 14 de Provérbios 23:

A sabedoria antiga acerca da educação era a mesma em muitas regiões (13.24; 22.15). As Palavras de Ahikar (séc VII a.C.) contêm um paralelo próximo o v. 13, mas nada tão concreto quanto 22.6. Não há dúvidas de que Moisés se beneficiou de um tratamento semelhante (At 7.22). Ela não morrerá, não só que “não vai lhe fazer mal algum”, mas “isso pode lhe ensinar uma lição que no fim vai salvá-la de caminhos que conduzem à morte” (observe o paralelo de morrerá no v. 13 com sepultura no v. 14) (BRUCE, 2008, p. 943).

O comentarista propõe, não apenas este relato como sendo verdadeiro e real, como também tem ao longo da história, várias formas de comprovar sua veracidade, por haver outros vários relatos de tais conselhos de sabedoria, nos quais o mesmo padrão é apresentado, não apenas no próprio território hebreu, mas também em muitas das regiões circunvizinhas.

Tomando isto por base, podemos então concluir que a prática era de fato realizada, dada a quantidade de materiais que trazem estes fatos em meio aos seus relatos. Qual seria a relevância de se escrever algo que não fosse passível de ser utilizado? Ou mesmo qual o intuito de escrever por enigmas, mesmo fora da Bíblia, por que não utilizar a linguagem popular? Não faz nenhum sentido.

O sábio nos lembra que a sabedoria divina tem o seu preço, o qual é pago por meio da aceitação e da obediência (12; veja comentário de 1.2). Da mesma forma, as lições da escola da vida também apresentam as suas exigências (13-14). Para que a próxima geração conheça a Deus, alguma disciplina é necessária. A correta disciplina da criança não é errada e inoportuna, mas vai livrar a sua alma do inferno (veja comentário de 13.24 e 19.18). Esta admoestação não ignora a livre escolha ou a graça divina, mas destaca o papel dos pais como parceiros de Deus na tarefa redentora (CHAPMAN, et al. 2005 , p. 402).

Segundo Chapman, et al (2005, p. 402), somos chamados a despertar, e perceber que para tudo na vida existe um preço, e não seria diferente para obter a sabedoria divina, ou a educação perfeita em todos os âmbitos do ser humano. Tal bênção está condicionada a obediência de suas exigências, sendo assim Chapman, et al (2005, p. 402), afirma que, a condição para que a próxima geração pudesse se aproximar de Deus, a fim de conhecê-lo



é que haja alguma disciplina, quando mais tarde ele apresenta como sendo a “correta Disciplina” e atribui a ela o poder de poupar a vida.

No entanto, há alguns autores que não partilham do mesmo posicionamento, o que torna relevante apontar para um de seus fundamentos, para a discussão a respeito do tema, sob o qual ele propõe uma nova interpretação.

Uma das diferenças que existe entre o presente trabalho e os de muitos outros autores é manifesto nas seguintes palavras:

O olhar hermenêutico, especialmente, possibilita a compreensão do texto no seu contexto original e a sua aplicação para a realidade atual, sem fazer transposição literal direta. Consideradas as distâncias culturais, de ambiente geográfico e de época histórica, o texto bíblico é interpretado num horizonte hermenêutico que possibilite a ponte entre ambas as realidades, considerando as suas diferenças, sem perder a sua essência (SILVA, 2020, p. 302).

Para estes autores, o método hermenêutico adotado é o histórico-crítico, onde se busca olhar para os textos, com uma visão diferente, pois partem para o texto, buscando analisar o contexto histórico e cultural, o que também é utilizado no método histórico-gramatical no qual o presente artigo se pauta; mas para estes autores estes contextos são importantes para determinar a distância entre os leitores e os escritores da Bíblia Sagrada, a fim de daí por diante definirem se o texto deve ou não ser interpretado como literal. Os histórico-gramaticais porém olham para o texto e seu contexto, mas com fins a saber como o próprio texto se comporta e não são os leitores que detêm a autoridade final, e sim a própria Bíblia.

Segundo Silva (2020), a maior parte dos provérbios relacionados a castigo físico são de constatação, por relatarem os fatos ocorridos e informarem. As demais partes de Provérbios são tidos como sendo do gênero literário de ordem, por geralmente se manifestarem no imperativo. Ex: “Disciplina o teu filho e ele te fará descansar, e ele dará delícias para a tua vida” (Pr 29,17).

Como expressão da voz de outros autores, citamos abaixo um dos defensores da alegoria nos textos de Provérbios:

Tanto na literatura bíblica quanto na extrabíblica, o uso da vara aparece primeiramente relacionado com a autoridade ou capacidade daquele que detém a vara. É, acima de tudo, um instrumento de poder. No caso da Bíblia Hebraica, a vara indica a autoridade de Moisés (Êx 4.2), do patriarcado (Nm 17.2), de Aarão (Nm 17.18), do rei (Es 4.1; 5.2; 8.4), dos escribas ou legisladores (Jz 5.14), do Messias (Sl 2.9; Mq 7.14; Is 7.14) e de Deus (Sl 45.6). No Novo Testamento, o termo “vara” (rhabdos) se refere à autoridade dos salvos (Ap 2.27) e de Cristo (Ap 19.15). Por seu valor como instrumento de autoridade, Miqueias 6.9 recomenda: “ouvi a vara (matteh) e quem a ordenou (TORRES, 2012, p. 33).

Este autor, bem como vários outros atribuem ao termo “vara” a que este artigo se propõe analisar, vários outros significados, aos quais a própria Bíblia poderia ter citado ou feito referência, uma vez que é ela quem detém a autoridade, posto que adotamos o método de interpretação bíblica “sola scriptura, tota scriptura, prima scriptura”.

Entretanto, o próprio autor apresenta argumentos factíveis a metodologia literal de interpretação.

A vara aparece também na literatura antiga como instrumento de correção. No contexto da Bíblia Hebraica, especialmente em seus livros sapienciais, parece ter sido um lugar-comum o recurso dos pais à punição física com o uso da vara. Em Pr 13.24, lemos: “o que retém a vara (shêbhet) despreza o seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina”. Em Pr 23.13-14, está escrito: “não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara (shêbhet), não morrerá. Tu a fustigarás com a vara (shêbhet) e livrarás a sua alma do inferno”. Às vezes, atribui-se à vara certa capacidade profilática (TORRES, 2012, p. 33).

Como fica perceptível, Torres (2012, p. 33) afirma que sim, há momentos em que a palavra hebraica “Sebet ou Shebet”, é utilizada de forma literal, gerando, então, a seguinte pergunta: com base em quê, ele atribui o novo modo de interpretação, como sendo alegórico? Em seu artigo, nota-se que o autor faz a comparação entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Ele afirma:

A paciente atenção às crianças durante seu ministério revela que Jesus tinha uma afeição especial por elas. Jesus até empunhou o chicote para expulsar os cambistas do templo, mas seria impossível imaginá-lo empunhando a vara para ferir os pequeninos. Ele mesmo disse: “melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado ao mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos” (Lc 17.2), (TORRES, 2012, p. 35).

Na mentalidade de Torres (2012, p. 35), é impossível existir a possibilidade de este Jesus que tratava as crianças com tanto amor e carinho, querer lhes ver sofrendo penas de castigos físicos. No entanto ele se esquece que em vários momentos da vida, Deus se coloca como nosso Pai, (cf. Pv. 3,11.12), alguns podem dizer que ele não castiga, devido a falta de compreensão de Deus é o perfeito equilíbrio de Justiça e Misericórdia, e isto é o que se configura por amor. Há por toda a Bíblia exemplos das vezes em que Deus como Pai, teve a necessidade de usar da vara (cf. 2 Sm 7,9 -15; Sl 89,30-33; Lm 3,1), claro que neste caso como forma simbólica para alguma forma de castigo físico. Sem contar que o texto usado pelo autor, aponta para uma atitude de impedir as crianças de irem a Cristo, e com isto impedir o seu crescimento em sabedoria, o que não se aplica a este caso, uma vez que o pai que disciplina e não poupa a vara da criança está o conduzindo bem, tendo em vista que o término do texto diz que assim o livrará da sepultura ou morte.(Pv. 23,13.14).

6 CONCLUSÃO

Conforme a análise do texto através do processo de exegese bíblica, usando a hermenêutica bíblica e o método bibliográfico documental, é possível concluir-se que a maior parte dos autores, chegam a diferentes conclusões por já partirem para a análise do texto com uma pressuposição definida, a qual os mesmos recorrem a Bíblia apenas como meio de corroborar a tese anteriormente adotada.



Sendo que a palavra Shebet ou Sebet, pode ser traduzida por variados termos em nossa linguagem, e que cabe portanto ao intérprete e ao leitor bíblico, levar em consideração, o contexto imediato, o contexto amplo, e somando-se a esses também o contexto cultural e histórico; para só então ter-se uma melhor compreensão, e assim definir qual o melhor sentido a ser transmitido de forma bem precisa acerca daquilo que o autor realmente quis expressar.

Uma vez feito todo este processo, pode-se concluir, que o texto é melhor compreendido de forma simbólica, o que nos leva a uma orientação clara e inequívoca do uso da vara como símbolo de um sistema disciplinar mais amplo, no processo do desenvolvimento da criança.

Logo, ainda que o termo vara deva ser interpretado como simbólico, há nela também uma possibilidade de uso da vara, como uma das formas de educação e disciplina da criança. Havendo então variadas formas de disciplinar a criança, algumas fazendo uso do diálogo, outras do castigo, e outras ainda do castigo físico e cada qual possui as suas peculiaridades.

REFERÊNCIAS

BRUCE, F. F. (org.). **Comentário Bíblico NVI: antigo e novo testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 2271. Tradução: Valdemar Kroker.

CHAPMAN, Milo L. et al. **Comentário Bíblico Beacon: Jó a cantares de salomão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. v.3. Tradução: Valdemar Kroker e Haroldo Janzen.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Sextante, 2003. 171 p. ISBN 8575420852.

DEUTSCHE BIBELGESELLSCHAFT. **Bíblia Hebraica: stuttgartensia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. 1574 p., 19,5 cm. contêm índice e notas. ISBN 978-438-05226-1.

Entra em vigor lei que proíbe o castigo físico contra crianças e adolescentes. Portal G1, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/entra-em-vigor-lei-que-proibe-castigo-fisico-contra-criancas-e-adolescentes.html>> Acesso: 22 de Set. de 2021

GEISLER, Norman L. 1932-; NIX, William. **Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. Tradução de Oswaldo Ramos. 1. ed São Paulo: Vida Acadêmica, 2013. 253 p., 23 cm. ISBN 85-7367-026-6.

HOLLADAY, W.. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010. Tradução de Daniel de Oliveira.

KIDNER, Derek. **Provérbios: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1982.

NUNES JR., Edson Magalhães. **Poesia Hebraica Bíblica: uma introdução geral**. 1ª ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016. 142 p., 22,5 cm. ISBN 9788593023002.



OLIVEIRA, Natalino Azevedo. **A vara como método de disciplina:** considerações atuais à luz de provérbios 13: 24. Kerygma, Engenheiro Coelho, v. 10, n. 2, p. 129–136, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/687>>. Acesso em: 7 out. 2021.

PASSOS, T. C. A. **Educação sem violência:** um direito de crianças e adolescentes. Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/790>>. Acesso: 16 de Nov. 2021

PELT, N. V. **Como formar filhos vencedores.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006. Tradução de Sueli N. F. Oliveira.

SILVA, V. **Bater ou não bater nas crianças?** Análise a partir dos Provérbios bíblicos. Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, [S.L.], v. 18, n. 55, p. 301, 30 abr. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/19257>>. Acesso em: 07 out. 2021.

STUART, D.; FEE, G. **Manual de Exegese bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!.** 1ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2002. 302 p., 22 cm. ISBN 8573123826.

TORRES, M. **A vara como instrumento de disciplina.** PROTESTANTISMO EM REVISTA. São Leopoldo, v. 29, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/318>> Acesso em: 7 out. 2021

WIERSBE, W. W. .. **Comentário Bíblico Expositivo:** antigo testamento volume III poéticos. Santo André: Geográfica Editora, 2006. Tradução: Susana E. Klassen.

Whitaker, R., Brown, F., Driver, S. R. (Samuel R., & Briggs, C. A. (Charles A. (1906). **The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon of the Old Testament:** from A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament by Francis Brown, S.R. Driver and Charles Briggs, based on the lexicon of Wilhelm Gesenius. Boston; New York: Houghton, Mifflin and Company. 1906.

WHITE, E.. **Eventos Finais.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E.. **Orientação da criança.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1954. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Orienta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Crian%C3%A7a.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2021